

# Brito resgata a credibilidade do assessor de imprensa

SÃO PAULO — Em Brasília, quando os rumores sobre o agravamento do estado do Presidente Tancredo Neves conflitavam com o otimismo dos boletins oficiais, um Ministro reclamou, numa nervosa reunião do primeiro escalão da Nova República improvisada no Hospital de Base:

— Assim não é possível: o Brito, com aquele ar grave e solene, não vai convencer ninguém de que o clima é de otimismo e o “homem” está passando bem.

Exagero do Ministro. Com pouco tempo de convivência, os jornalistas aprenderam que a leitura da fisionomia do Secretário de Imprensa da Presidência poderia ser muito mais elucídativa do que as informações redigidas pelos médicos. Sua seriedade não lhe impedia de transmitir êflúvios otimistas quando Tancredo realmente melhorava, assim como sua sobriedade não ocultava jamais momentos de profundo desânimo, quando a vida do Presidente estava por um fio.

Embora desolado com as circunstâncias que cercaram a sua estréia — na prática não exerceu a função de Porta-Voz do Presidente —, Brito acredita que o projeto de implantar uma nova relação entre o poder e imprensa teve um bom início. Essa proposta de um diálogo franco com os jornalistas, no qual prevalecesse a verdade, foi justamente o tema de sua única conversa com o Presidente Tancredo, a 12 de março, para definir sua atuação na Assessoria de Imprensa:

— Quando aceitei o convite, sabia que o que o Presidente Tancredo Neves pensava sobre democracia e sobre imprensa permitiria um traba-

lho correto. Recebi o convite surpresa, mas certo de que, embora não sendo o mais indicado, a única razão da minha escolha foi o fato de ser efetivamente um jornalista profissional — registra, deixando transparecer que o principal motivo para aceitar o cargo era acreditar na voz que portaria.

Ele lembra que o Presidente Tancredo, além de concordar, defendeu uma relação mais aberta entre imprensa e poder:

— Nessa altura da vida, a única coisa que eu quero é fazer um Governo digno, um Governo que não esconde nada, nem suas dificuldades. Quando não pudermos fazer alguma coisa, vamos dizer que não foi feito e os porquês — disse Tancredo a Brito, que recorda-se ainda que, durante esse encontro, na Fundação Getúlio Vargas, no dia 12 de março, o Presidente várias vezes apertou o abdômen com sua mão, gesto que o jornalista notou e estranhou, mas jamais imaginou que fosse um indicio de uma grave enfermidade.

Outro ponto acertado com Tancredo era que o seu Porta-Voz não teria opinião, apenas transmitindo as idéias da Presidência. A proposta era de um Secretário de Imprensa que desse mais informações e menos entrevistas. Tancredo também mostrou-se preocupado com o surgimento de “porta-vozes” paralelos, fenômeno muito comum no Governo Figueiredo, que se viu na obrigação de corrigir muitas interpretações extra-oficiais.

— Quando começou a doença, nos vimos na obrigação de buscar uma nova relação Governo/Imprensa nas piores condições possíveis. O cenário era um hospital. O clima era



No rosto de Brito (ao lado Ulysses), a revelação de um momento de cansaço e desânimo

de tensão; o assunto, basicamente do conhecimento apenas dos médicos. Isso tudo com um Governo ainda não instalado, que nem se conhecia direito — observa.

Apesar dos inevitáveis atritos, ainda mais nessas circunstâncias, o trabalho de Brito foi bem recebido pela maioria dos jornalistas que tiveram um relacionamento compulsório com ele por mais de um mês. Sua cortesia e, quase sempre, paciência impediram conflitos maiores, sem bem que, muitas vezes, irritasse alguns repórteres com a insistência em repetir, em um mesmo ritmo e tom de voz, frases dos boletins ou comentários já divulgados. Mais do que sonhando novos dados, ele pretendia, com essa atitude professoral, que o conteúdo do que repetia fosse devidamente entendido.

— Sempre prevaleceu a verdade acima de supostos interesses políti-

cos — garante ele. Mas, para que essa verdade sobrevivesse, foram feitos alguns reajustes na relação Governo-médicos-imprensa no período do tratamento em São Paulo, para que o Governo parasse de “levar furos” dos jornalistas, conforme acontecia seguidamente em Brasília:

— Todos nós fomos aprendendo lições durante o episódio. Mas, desde o primeiro momento, havia um Governo preocupado em informar direito e na busca de mecanismos mais adequados para isso. É claro que houve alguma dificuldade. Os médicos, por exemplo, não têm um pensamento comum sobre o que era privativo da relação médico-paciente e o que era obrigatório informar já que o paciente era o Presidente da República. Os médicos foram achando o tom certo para os jornalistas, porém, também a im-

pressa precisou aprender sua lição:

— Depois de 20 anos de uma relação maniqueísta, quando o que era oficial, não era bom, bom era o não oficial, acho que agora a relação Governo-imprensa sai fortalecida. Basta ler os jornais e ver as televisões para saber que ninguém escondeu nada. Fico satisfeito com o grau de credibilidade que a informação oficial conquistou.

Brito também aproveita para negar que a família do Presidente tenha ficado contrariada com o trabalho dos jornalistas:

— Desde o primeiro momento, a família entendeu que o paciente Tancredo Neves era o Presidente da República, uma pessoa pública.

Mas não deixa de atirar algumas farpas contra “setores da imprensa”:

— O que realmente irritou a família, o Governo e até a opinião pública foi o comportamento de setores da imprensa que fizeram o exercício do jornalismo de uma forma investigativa e crítica, como deve ser, mas se esquecendo de agir com competência, ouvindo pessoas certas e checando as informações. Esse setor da imprensa se comportou de forma autoritária. A verdade para essa imprensa é apenas aquilo que ela pensa, mesmo que todas as evidências apontem no sentido contrário.

E não se pode negar que, muitas vezes, Brito — um gaúcho de Livramento — agiu como um “anti-porta-voz”, desempenhando o inusitado papel de convencer jornalistas de que a situação do Presidente não era boa, como muitos chegaram a crer, traídos pelo jargão técnico dos boletins médicos:

— Vamos refletir juntos, pessoal. A única melhora no momento é o fato de o Presidente não ter piorado mais ainda — esclarecia, em conversas informais com os jornalistas. Foram justamente essas conversas em “off” — quando não se pode citar a fonte (o que, na verdade, não foi seguido por todos os órgãos de imprensa) — que permitiram que os jornalistas obtivessem muitas das notícias e interpretações adicionais aos boletins dos médicos, uma boa estratégia para diminuir a propagação de boatos.

As noites insones do Secretário de Imprensa — que muitas vezes era o “companheiro jornalista”, brincando bem humorado com os colegas e, filando cigarros e balas, e em outras, uma autoridade da Nova República cercado por seguranças, andava apressado, rua abaixo, seguido por um batalhão de repórteres — não lhe alteraram a saúde. Ele nega que sua pressão tenha subido ou que tenha tomado sedativos, conforme chegou a ser noticiado:

— Vivi a tensão como todo mundo — resume.

Fiel ao costume de ajeitar lentamente a barba com as mãos, Brito recorda-se do seu primeiro contato com Tancredo após ter aceito o convite para assessorá-lo. Foi no dia 11 de março, e o jornalista voltava à noite do Rio, onde fora agradecer ao Presidente das Organizações Globo, jornalista Roberto Marinho, por tê-lo liberado do cargo de Editor Regional da TV-Globo de Brasília. Em um jantar em homenagem a Tancredo, o Presidente, assim, que viu Brito, cumprimentou-o com uma saudação que seria profética:

— Então, meu caro, vamos sofrer juntos.